Pentágono está analisando os filmes que satélites fizeram sobre Cachimbo

PAULO FRANCIS
De Nova York

Oficiais do Pentágono admitiram ontem que estão analisando detidamente os filmes que satélites dos EUA fizeram sobre Cachimbo, no Pará, depois de informados pelo Departamento de Estado sobre a revelação feita pela Folha de que o local poderia ser utilizado para testes nucleares. Esses oficiais se recusaram a ser citados nominalmente. Enfatizaram que não estão prejulgando atos do governo brasileiro. A frase "O Brasil é nosso aliado e amigo" entrecortou todas as conversações com o correspondente. Consideram essa análise, que confirmam ser cuidadosa, de rotina, sempre que se levanta a ameaça de proliferação nuclear. É política estabelecida do governo dos EUA, seja quem for o ocupante, frisaram, tudo fazer para impedir que mais e mais países obtenham a bomba atômica. Admitiram ter problemas similares com países como a África do Sul, Israel, Índia, Paquistão e Argentina, todos aliados e amigos dos EUA.

A fala militar é mais clara do que as evasivas do Departamento de Estado. Os oficiais, por exemplo, mostram grande compreensão do desejo dos colegas brasileiros de terem armas nucleares. Não aspirar à entrada no "clube nuclear" seria negligência profissional, notam, ainda que as achem desnecessárias para o Brasil, protegido pelo guarda-chuva espaçoso e invulnerável que são as 10 mil ogivas estratégicas dos EUA (em suma, os foguetes com capacidade de destruir a URSS). Responsabilizam o falecido general Charles De Gaulle pela mística da proliferação de armas nucleares. A justificativa de De Gaulle, ao produzir a bomba francesa (melhor conhecida como "bombette", ou "bombeta", por comparação com o poder de fogo dos EUA e URSS), é que sabia muito bem da superioridade dos EUA e da URSS, mas que todo país soberano deveria ter a capacidade de atingir letalmente as superpotências, que isso seria um dissuasivo de desmandos de Washington e Moscou, ainda que o país em questão fosse totalmente destruído em contra-ataque. Essa argumentação parece fazer sentido, nos meios militares, ao menos.

Força de pressão

O que preocupa os estrategistas dos EUA é que países não-industrializados usem a bomba como força de pressão ou até de guerra para resolver disputas regionais. Isso colocaria Washington em posição difícil. O conflito permanente entre Índia e Paquistão, por exemplo, é objeto de intensa campanha diplomática dos EUA junto ao governo dos dois países, ambos suspeitos de terem a capacidade de desenvolver uma bomba primitiva, que, ainda assim, dada a incompetência notória dos estabelecimentos militares de ambos, teria um efeito devastador numa disputa de fronteira (semelhante à que levou a partição que criou Bangladesh, em 1971, com apoio decisivo do exército indiano e contra a vontade manifesta de Richard Nixon, então presidente dos EUA, e Henry Kissinger, o assessor encarregado da questão). É sabido em Washington que Israel tem no mínimo 50 bombas, com componentes batoteados dos EUA, e que facultou a construção de um pequeno arsenal nuclear na África do Sul, para ser usado em face de uma revolução negra séria.

Não há, entre Departamento de Estado e Pentágono, ainda que se recusem a comentários "on", a menor dúvida de que a intenção dos militares brasileiros é criar para o nosso país o que chamam de "capability", capacidade nuclear de defesa (e ataque. Os militares sempre usam a palavra "defesa" quando falam de ataque. É outra peculiaridade profissional a que se tem de dar o devido desconto). O projeto de Angra, agora refinanciado no Plano de Metas do governo Sarney, sempre foi tido como um primeiro passo nesse sentido. Cachimbo, dizem eles, é uma incógnita a ser desvendada, sem que altere de uma maneira ou de outra o que consideram a intenção dos militares brasileiros de ter a bomba. Ninguém quer arriscar opiniões sobre que atitude o governo Reagan teria se a revelação sobre Cachimbo for confirmada. Isso é assunto para diplomacia confidencial entre aliados e amigos, finalizam.